

Obras da Coleção Lusofonias

FotoFonias Lusograficas

Curadoria: Carlos Cabral Nunes



André de Castro
Cabral Nunes
Carlos Gasparinho
Edson Chagas
Fernando Aguiar
Fernando Lemos
José Chambel
Mário Macilau
Rodrigo Bettencourt da Câmara
Rui Simões
Sérgio Guerra
Sérgio Santimano
Subodh Kerkar
Sueki

9 de Janeiro a 24 de Fevereiro 2018

FotoFonias
LusoGráficas

FotoFonias LusoGráficas

Inaugura dia 9 de janeiro na Casa da Liberdade - Mário Cesariny a exposição "FotoFonias LusoGráficas" com obra fotográfica de autores do espaço geográfico da lusofonia.

A mostra apresenta um significativo núcleo de fotografia que integra a Coleção Lusofonias, dedicada à arte moderna e contemporânea de países de língua portuguesa e que o Colectivo Multimédia Perve começou a reunir a partir de 1999, estabelecendo a análise dos processos artísticos operados nas comunidades que falam português e dos seus autores, muitos deles, na diáspora.

Em destaque estão duas gerações de fotógrafos, representando alguns dos caminhos e visões singulares que Portugal e a Diáspora Africana encontram no campo da fotografia contemporânea.

Patente até 24 de fevereiro de 2018.
Curadoria: Carlos Cabral Nunes.



Sérgio Santimano

Sem título, (Taxi Driver) da Série "Índia íntima"

Fotografia vintage- Impressão artesanal sobre papel baritado, 34x22,5 cm, n.d.

Capa: Pormenor de obra de José Chambel

Sem título (Série Págá Dêvê), Fotografia Preto e Branco - Impressão Epson Ultrachrome, 40x50 cm, n.d.



Sendo um conceito que tem sido objecto de muitas e variadas críticas, algumas das quais assertivas e justas, a Lusofonia, enquanto ideia de comunidade unívoca partilhando a mesma língua, não fará sentido, por ser manifestamente irreal, até, maniqueísta, essa visão de um espaço lusófono homogêneo.

Hoje, como no passado, o que sim existe, é uma multiplicidade de comunidades que se expressam tendo por base um idioma comum, o português, e afinidades várias, tecidas ao longo de décadas de processo cultural (e artístico) miscigenado. Comunidades que não se restringem aos limites territoriais dos países de língua oficial portuguesa.

Não querendo entrar em caminhos ínvios, nem em argumentário ideológico ou de facção, devo dizer que sempre me pareceu desajustado o termo Lusofonia, quando apresentado assim, no singular. Independentemente da bondade com que possa ter sido criado, a verdade é que sempre assisti a uma certa aversão, repulsa até, a esse termo, na generalidade dos habitantes dos outros países onde se fala português e, mesmo em Portugal, onde esse sentimento de desconforto, para dizer o mínimo, é também transversal.

Por essa razão e porque não podemos deixar que parem quaisquer vícios ou nuvens neo-imperiais sobre uma comunidade múltipla, diversa, considere há vários anos que uma formulação plural se adequaria melhor a esse espaço partilhado pela língua mas diversificado na sua aplicação e usufruto. Vem daí a razão pela qual a colecção, que foi sendo montada a partir de 1999, ter sido titulada de "Arte das Lusofonias".

É pois, a partir dessa colecção, que se estabeleceu a análise dos processos artísticos operados nas comunidades que falam português e, consequentemente, os seus autores (muitos deles, na diáspora, espalhados pelo mundo), que chegamos à presente exposição.

Esta pretende dar a ver, ajudar à reflexão sobre a forma como Independências, Liberdade e Autodeterminação confluem num movimento de base comum mas desenvolvido com contornos diversos e composto por sensibilidades múltiplas, em resistência e oposição, precisamente, contra quem quis/quer colocar um freio

ou mordação na expressão individual, nalguns casos indo tais intentos culminar no cárcere e, não raro, na morte dos que pautaram a sua vida, a dedicaram e consagraram, à procura de implementação desses ideias de Libertação.

Esta exposição, à semelhança do conceito da colecção citada, que lhe dá origem, tem como princípio orientador mostrar obras cuja influência/matriz africana seja evidente, sem o recurso a clichés ou exotismos que marcaram e marcam ainda, infelizmente, muitos artistas (por questões ligadas ao comércio local da arte), dificultando-lhes o acesso a uma expressão universalista e a assunção de um discurso global.

Pretende-se, no caso específico desta mostra, trazer da colecção "Lusofonias", constituída pelo Colectivo Multimedia Perve desde 1999, obras históricas, passíveis de assinalar os processos iniciais de rebelião e insurreição artística na CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), para terminar com obras recentes de quem, já não apenas nesses espaços geográficos, está hoje usando a língua portuguesa como ferramenta criativa de processos identitários e libertadores. Pelo meio, procuramos mostrar o importante legado do período pós-colonial, a partir de 1974 e até à eclosão de fenómenos de guerra civil, em muitos desses países, evidenciando a celebração e a utopia, esperança e apreensão, gerados nos processos de independência.

Numa altura em que se assinala a passagem de 40 anos sobre esse momento histórico em que os povos ganharam liberdade, pareceu-nos pertinente dar espaço a artistas, alguns muitos jovens, que estão hoje tratando questões de resistência e memória de libertação dos povos para, finalmente, se desvelarem os que estão a reflectir sobre fenómenos actuais, necessariamente controversos, de novas lutas - com um sentido, ainda assim antigo, de justiça e direito à livre expressão, manifestação e associação.

Não pretendendo ser panfletária, nem manifesto de nenhuma situação concreta que atravessasse os estados e as comunidades que falam português, esta mostra procura constituir-se como ponto de partida para várias reflexões (possíveis e desejáveis) sobre os caminhos, longos já, percorridos até este novo momento histórico que atravessamos, cada povo da CPLP confrontando-se com mecanismos diversos de bloqueio ou estagnação no seu desiderato, natural aspiração, de progresso, desenvolvimento e paz. Impasses vários suscitando medos renovados, angústias pelo amanhã mas igualmente esperança, renovando-se na capacidade geradora de novos gestos de liberdade, regeneradora do sistema onde vivemos, apontando ao futuro, apelando para que, no conjunto e na diversidade, nos possamos unir em torno de um desejo tão básico quanto inestimável: alcançarmos formas de sociedade realmente justa, equilibrada e livre.

André de Castro

BRASIL

André De Castro is a Brazilian visual artist who explores the boundaries between graphic design and art as tools to engage with people on social and political issues. His work discusses identity, social agency and forms of signification. He combines a variety of techniques, including photography, silkscreen, paint and collage among others. Art and Activism is the underlying theme of André's work and the base of his ideas. Art is not used for illustration purposes only but also as a tool and a mechanism to transform the given reality. His last project, Movements, portrays youth protesters in different cities around the world. Movements was exhibited in Miami during Art Basel (2013); Opus Project, New York (2014); Centro Cultural Banco Brasil in Belo Horizonte and Brasília, Brazil (2015); Caixa Cultural do Rio de Janeiro, Brazil (2015) and Espaço Espelho D'água, Lisboa, Portugal (2016). André De Castro has an MFA from Pratt Institute, NY.



Arão Bula Tempo
monoprints em serigráfica, tinta acrílica sobre papel. 50x70 cm
NY, 2016

CABRAL NUNES

MOÇAMBIQUE | PORTUGAL

Nasceu em 1971 em Moçambique. Vive em Portugal, desde 1975. Foi aluno da Academia Artística de Remscheid, Alemanha, em 1989. Frequentou o curso de "Digital Multimedia Authoring" no Arthouse Multimedia Centre for the Arts, Dublin, Irlanda, e é membro permanente da Academia Europeia de Média Digital, Utrecht, Holanda. Concluiu em 2013, a componente lectiva do Doutoramento em Artes Visuais da Universidade de Évora.

Amigo e admirador da obra de Artur Bual e de Mário Cesariny, a eles deve o incentivo para expor as suas obras, a partir de 1997. No mesmo ano realiza o manifesto de Arte Global, que deu origem à criação do Colectivo Multimédia Perve, de que é membro fundador e dirigente. No ano 2000, fundou a Perve Galeria e, em 2013, a Casa da Liberdade - Mário Cesariny, exercendo funções de direcção e curadoria

Como autor multimédia, recebeu vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Foi membro do júri do "Top Talent Award" em 2003. Participa regularmente como formador e orador, expondo o seu trabalho audiovisual e multimédia, em cursos, seminários e conferências em território nacional e em países tais como Espanha, França, Alemanha, República Checa e Áustria. É realizador da série documental "NOMA", composta por 24 filmes dedicados à arte moderna e contemporânea. Em 2008 fez o projecto de curadoria "O.U.T.", para a Trienal de Praga (ITCA 2008) e também "MOBILITY- Re-Reading the Future", projecto com apoio europeu, inserido no plano de curadoria desta trienal, que foi apresentado em 5 países.

Ao longo de 18 anos, participou em várias exposições colectivas, entre as quais "O Figura - Homenagem a Artur Bual", 1997, "Razões de Existir", 2001 e em feiras de Arte em Lisboa e Madrid, entre 2005 e 2012. Realizou "M. Arte" e "Zoomorfismos da cor", na Perve Galeria em 2002 e 2003, respectivamente e "[nós] Para além do Mar", no IPJ, em 2002. Foi distinguido com, entre outros, com o Prémio Jovem - Arte Contemporânea na XI Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2001, Prémio "Design Visual e Interacção" do Prémio Nacional de Multimédia,

2001 e a "Menção Honrosa" atribuída pelo júri do Prémio Nacional de Multimédia, 2001. A sua obra está representada na Colecção Lusofonias, por imposição de Cesariny, desde 2003.

Em 2014 lançou uma extensa e complexa iniciativa pública, bem sucedida, subscrita por mais de 10.000 pessoas, para a manutenção no país de colecção composta por 85 obras de Joan Miró, que o Estado Português pretendia levar a leilão.



Sem título
Impressão digital , 45,5 x 30,5 cm, 2015



Livro Poema-
objecto artístico
original de Cabral
Nunes, 22 x 23 cm,
2007

CARLOS GASPARINHO PORTUGAL

O Surrealismo teve sempre com a fotografia uma relação muito especial. Não com a fotografia que hoje nos apresentam como corrente histórica dominante, mas com a fotografia num sentido muito mais lato, como ela deve ser entendida. A história da fotografia como a conhecemos é uma história etnocêntrica, construída à volta dos interesses de um grupo limitado de pessoas e instituições. Produzir estas imagens, a partir de processos fotográficos, como eles podem e devem de facto ser entendidos, para serem usadas numa homenagem a Cruzeiro Seixas, é simultaneamente o recordar a herança fotográfica que os surrealistas nos deixaram e um protesto contra o espartilhamento a que a ideia de fotografia (se é que esta palavra de facto faz sentido) continua ainda a estar sujeita.

Edição limitada a 8 exemplares. Apenas disponíveis 4 conjuntos. Cada conjunto. Inclui 10 fotografias.



Homenagem a Cruzeiro Seixas,
Reinterpretação Fotográfica e desaforimos de Cruzeiro Seixas por
Carlos Gasparinho, 2012

EDSON CHAGAS ANGOLA

Edson Chagas nasceu em 1977, em Luanda, Angola. Estudou fotografia em Newport na University of South Wales, London College of Communication, na ETIC em Lisboa, Portugal, e no Centro Comunitário de Arcena, Alverca, Portugal.

Exposições individuais: Stevenson Gallery (2014/2015); Instituto Camões em Luanda (2014); Belfast Exposed Photography, Irlanda do Norte (2014); Palazzo Gallery, Brescia, Itália (2013) e no memorial Agostinho Neto (2013), Luanda. Em 2013 Chagas foi o artista representante do pavilhão de Angola na 55 Bienal de Veneza, participação que ganhou o Leão de Ouro como o melhor pavilhão nacional. Em 2015 foi um dos três artistas selecionados para participar no 11.º Prémio Novo Banco Photo, no Museu Coleção Berardo, Lisboa.

Exposições de grupo notáveis incluem a exposição "Desguised" que iniciou no Seattle Art Museum e, mais recentemente, inaugurou no Brooklyn Museum, de abril a setembro (2016); "Ocean of images, New Photography" no MOMA, Nova Iorque (2015-2016); A Divina Comédia: Paraíso, Purgatório e Inferno com curadoria de Simon Njami, que decorreu no MMK Frankfurt, e no Smithsonian National Museum of African Art in Washington, DC, como em outros locais (2014-15); Lagos Photo Festival (2014); Shifting Africa - What the Future Holds, Mediations Biennale, Poznań, Polónia e Kunsthalle Faust, Hanover, Alemanha (2014); Journal, Institute of Contemporary Arts, Londres (2014); NO FLY ZONE, Unlimited Mileage, Museu Coleção Berardo, Lisboa (2013); Transit, OCA, São Paulo (2013); RAVY Visual Arts Festival, Yaoundé (2012) e Segunda Trienal de Luanda (2010).

Edson Chagas vive e trabalha em Luanda.



Provas da exposição realizada no Pavilhão de Angola, na Bienal de Veneza, 2013. Assinadas pelo autor, 50x70 cm

"Aqui é Edson Chagas. Esta é uma das imagens que ganhou o Leão de Ouro na Bienal de Veneza, quando Angola fez o primeiro pavilhão lá juntamente com este projeto. Isto aqui são as provas da própria exposição. Mas a particularidade destas imagens é que estas imagens, que não iam assinadas, estão assinadas pelo autor. Neste caso, ela está assinada, mas parece que faz um graffiti na parede. Porque a assinatura dele entra na imagem quase como se fosse um elemento da imagem. Não a estraga, não a suja, acrescenta-lhe algo."

Citando o curador da exposição, Carlos Cabral Nunes, em entrevista à RTP

FERNANDO AGUIAR PORTUGAL

Natural de Lisboa, Fernando Aguiar (n.1956) é Licenciado em Design de Comunicação pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Paralelamente à sua actividade como artista plástico, poeta e performer, Fernando Aguiar organizou festivais, exposições e antologias de poesia experimental, entre os quais Poemografias: Perspectivas da Poesia Visual Portuguesa (1985, com Silvestre Pestana), 1º Festival Internacional de Poesia Viva (1987), Concreta, Visual, Experimental, Poesia Portuguesa 1959-1989 (1989, com Gabriel Rui Silva), Visuelle Poesie Aus Portugal (1990), Poesia Experimental dels 90 (1994) e Imaginários de Ruptura, Poéticas Experimentais (2002). Esta intensa atividade contribuiu decisivamente para a divulgação e afirmação nacional e internacional da poesia experimental portuguesa.

Na obra de Fernando Aguiar, que se inicia na década de 1970, encontramos uma intersecção singular entre escrita, pintura, instalação e performance. O desenho e os processos de inscrição da letra são desenvolvidos num constante contraponto entre a pura visualidade plástica da pintura e da colagem, por um lado, e a sua presentificação corporal através de modos de interação participativa e presencial que envolvem público, autor e signos. A presença performativa e tridimensional da letra e da palavra manifesta-se igualmente em projetos de instalação e de arte pública, como é o caso do parque Soneto Ecológico (1985, 2005), plantado em Matosinhos em 2005. A experimentação visual e sonora com a palavra ocorre ainda sob a forma de livros, mas é no desenvolvimento de uma poética da performatividade presencial do sujeito e da palavra e numa pesquisa plástica e pictórica da letra que a sua obra mais se singulariza.

Obras principais >

Dos seus livros de poesia, refiram-se: Poemas + ou - Histo(é)ricos (1974), O Dedo (1981), Minimal Poems (1994), Os Olhos que o Nosso Olhar Não Vê (1999), Tudo por Tudo (2009) e Estratégias do Gosto (2011). Publicou uma caixa de postais

com poemas visuais: Imaginando la poética. Poesia Visual (Madrid, delCentro Editores, 2010). Algumas das suas performances estão também documentadas em livro: Rede de Canalização (1987), Recent Actions (1997) e A Essência dos Sentidos (2001). Organizou o 1º e o 2º Encontro Nacional de Performance (Torres Vedras, 1985; Amadora, 1988) e realizou inúmeras intervenções e performances poéticas em festivais, museus e galerias de arte em mais de uma dezena de países. Das suas exposições individuais refiram-se: POESIA VISUAL (Lisboa, 1979), Ensaio para uma Nova Expressão da Escrita (Lisboa, 1983), Palavras Sob Palavra (Torres Vedras, 1984) e O Papel dos Signos (Setúbal, 1992). Destaque-se ainda o Arquivo Fernando Aguiar, uma colecção de literatura experimental constituída por cerca de 2.500 originais, para além de livros, catálogos e outra documentação de poesia experimental e visual, mas também de áreas afins como a arte conceptual, Fluxus, performance e arte postal, produzidas a partir da segunda metade dos anos 60, com uma especial incidência na poesia visual dos anos 80 e 90.



Poesia Visual II, fotografia, prova única/vintage, 65x50 cm, 1984



Ensaio para uma natureza morta (Nº 498), fotografia, prova única/vintage, 65x50 cm, 1984

Fernando Lemos

PORTUGAL | BRASIL

Nasceu em 1926 em Lisboa. Designer gráfico, fotógrafo, desenhista, pintor, tecelão, gravador, muralista e poeta. Após cursar a Escola de Artes Decorativas António Arroio, entre 1938 e 1943, estuda pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Dedicar-se mais intensamente à fotografia no início da década de 1950. Regista imagens de intelectuais e artistas ligados ao movimento surrealista e também imagens quotidianas, transformadas por efeitos de luz. Atua como desenhista em litografias industriais e colabora com poemas e ilustrações na revista *Uni/Pentacórnio*.

Viaja para o Brasil e fixa-se em São Paulo em 1953. Passa então a trabalhar com desenho e pintura, apresentando uma produção não figurativa. Leciona artes gráficas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Entre 1968 e 1970, ocupa a presidência da Associação Brasileira de Desenho Industrial - ABDI, da qual é membro fundador. Como escritor e ilustrador, integra a redação do jornal *Portugal Democrático*, órgão dos exilados políticos portugueses no Brasil, entre 1955 e 1975. Em 2003, é publicado o livro *"Na Casca do Ovo, o Princípio do Desenho Industrial"*, com seus escritos sobre design.

Recentemente a sua obra foi mostrada, em retrospectiva, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, naquela que é das mais relevantes instituições brasileiras ligadas às artes.

A Perve Galeria homenageou o autor com a apresentação da exposição *"Desenho Diacrónico"* em 2011, que mostrou 50 pinturas de pequeno formato que o autor foi realizando ao longo do ano de 2010, num registo de crónica plástica evolutiva e súpula diarística.



Sophia de Mello Breyner
Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selénio - Vintage
Print, 60x60 cm, 1949 / 1998



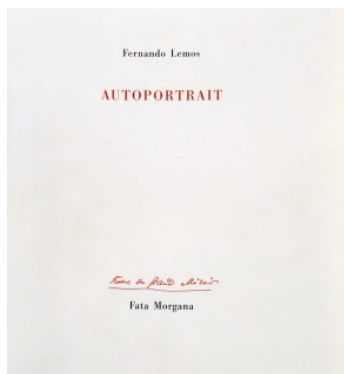
Nú Lento
Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selénio - Vintage
Print, 60x60 cm, 1949 / 1998



Serie Ex-Fotos "A máscara nos caiu"
Impressão Fotográfica I - Exemplar 1/5, 70 x 100 cm, 2005/2009

"Aqui é Fernando Aguiar que é um dos artistas portugueses mais significativos da poesia visual. Esta fotografia é, para mim, também muito interessante e simbólica daquilo que falamos há bocado: o dia e a noite, a liberdade e a opressão. No fundo, tudo isto remete para uma coisa um bocado austera e opressiva, com blocos de pedra. No entanto, 'Poesia' aparece ali escrita e transforma uma coisa pesada numa outra coisa capaz de nos mostrar o dia. Isto obviamente são interpretações."

Citando o curador da exposição, Carlos Cabral Nunes, em entrevista à RTP



“AUTOPOrTRAIT” / trad. Marie-Thérèse Mandroux-França. - Montpellier: Fata Morgana, 1998.

Cinco Fotografias originais de Fernando Lemos, “AutoPortrait”, “La Main et le Couteau”, “Intimités”, “Lumière Obstinée”, “Fond de Jardim”, assinadas e datadas, edição n.º 29 de 35, 200x200 mm. As fotografias são acompanhadas por texto do autor comentando cada uma em separado.



Autoportrait

Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selênio - Vintage Print, 60x60 cm, 1949 / 1998



La Main et le Couteau

Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selênio - Vintage Print, 20x20 cm, 1949 / 1998



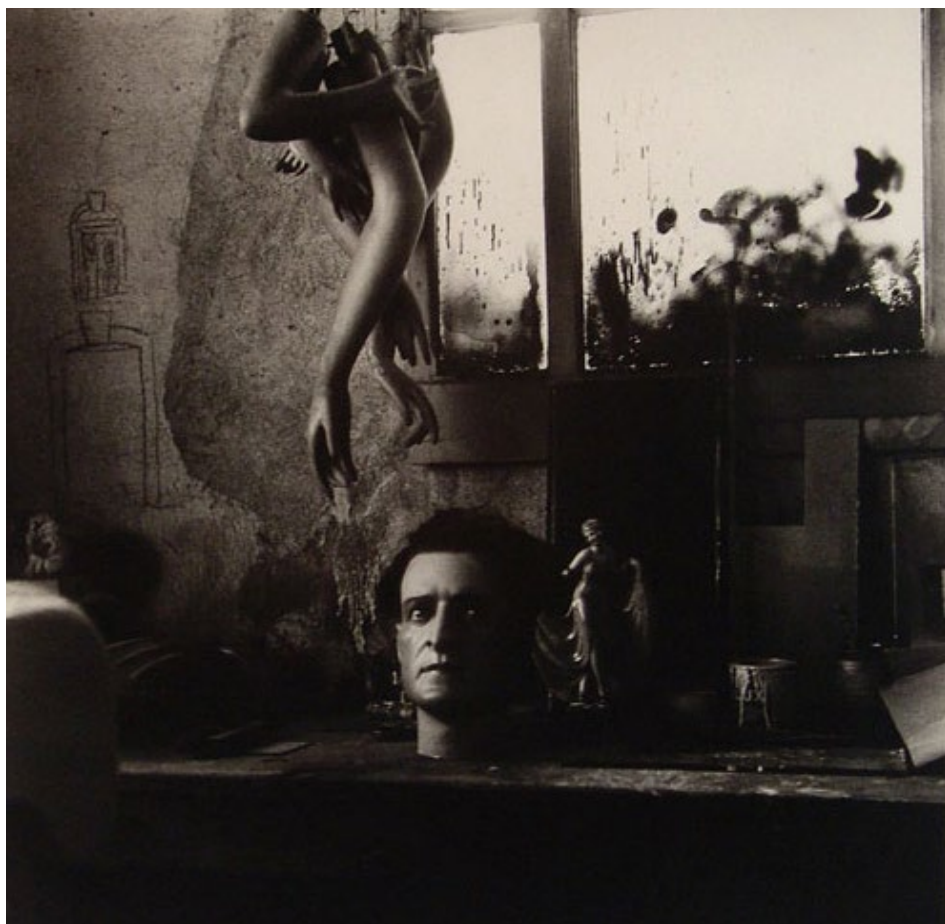
Fond de Jardim

Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selênio - Vintage Print, 20x20 cm, 1949 / 1998



Lumière Obstinée

Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selênio - Vintage Print, 60x60 cm, 1949 / 1998



Intimités

*Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selênio -
Vintage Print, 20x20 cm, 1949 / 1998*

José Chambel SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Nasceu em São Tomé e Príncipe. Vive em Lisboa. Estudou no Instituto Português de fotografia, de 1992 a 1994. Expõe regularmente desde 1992. Alguns dos seus projectos fazem parte de coleções de instituições públicas e privadas nacionais.

Exposições Individuais

2012 - Cor púrpura, Les Enfants Terribles - Lisboa

2005 - Capital, Centro Cultural Humberto Mauro, Brasil

2005 - Capital, Museu da Imagem, Braga

2004 - Tabanca, Museu de Tabanca, Assomada, Cabo Verde

2001 - Págá Dêvé, Galeria Imagolúcis, Porto

2000 - Págá Dêvé, Curitiba, Brasil

2000 - Págá Dêvé, Centro Cultural Português, S. Tomé e Príncipe

1999 - Tchilóli, VI Bienal de Fotografia, V. F. Xira - [ver projeto]

1996 - Alfa e Ômega, Instituto Português de Fotografia, Lisboa

Exposições Coletivas

2013 - África Mostra-se, IFP - Institut français du Portugal

2011 - Feira de Arte do Desenrasca, Lisboa

2008 - Lusofonias 2008, Lisboa

2006 - Cineport II, Lagos

2004 - FotoFesta, Maputo, Moçambique

1998 - Arqueologia Industrial, S. João da Madeira

1997 - V Bienal de Fotografia, Vila Franca de Xira

1997 - Mouchão, V Bienal de Fotografia, V. F. Xira

1995 - IV Bienal de Fotografia, Vila Franca de Xira

1994 - Um Ano de Fotografias, Inst. Português de Fotografia, Lisboa

1993 - III Bienal de Fotografia, Vila Franca de Xira



Série Tchilóli 3 fotografias, impressão Epson Ultrachrome, provas únicas 50x40cm, 1997



Sem título (Série Págá Dêvê), Fotografia Preto e Branco - Impressão Epson Ultrachrome, 40x50 cm, n.d.

Mário Macilau MOÇAMBIQUE

Mário Macilau (1984, Mozambique) was born in Maputo where he currently lives and works. In newly independent Mozambique, during the most critical phase of the civil war, his family struggled with financial difficulties and moved from the province of Inhambane to Maputo capital in search of a better life. At the age of ten, he began to work in a small market frequented by the middle / upper class and helping to carry the groceries and washing cars at the park in an effort to support his family.

Macilau started his journey as photographer in 2003 and went professional when he traded his mother's cell phone for his first camera in 2007, he specializes in long term projects that focus on living and environmental conditions over the time that affects the social isolated groups. His work has been recognized with awards and featured regularly in numerous solo and group exhibitions both in his home country and abroad including: The Pan African group exhibition during the Biennale of African Photography in Bamako, Mali 2011, VI Chobi Mela Photo Festival in Dhaka, Bangladesh 2011, Photo Spring in Beijing, China 2011, Lagos Photo in Lagos, Nigeria, 2011, BESphoto at CCB - Centro Cultural de Belém in Lisbon, Portugal 2011 and Pinacoteca de Estado de São Paulo in Brazil, the KLM in Kuala Lumpur, Malaysia, 2012, The Johannesburg Art Fair 2013, Les Recontres Picha in Lubumbashi, RD Congo, 2013, The Biennale Arts Actuels in Saint Denis, Reunion Island 2013, The African Art Auction in London, England, 2013 and among others. He has also completed a number of artistic residencies.



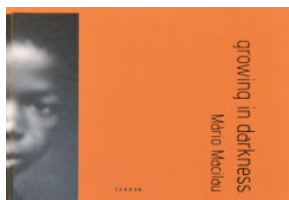
Purification of the Soul (The Zionist series), 2016,
Fotografia impressa sobre papel de algodão, sem textura, tipo smooth, 60x90cm



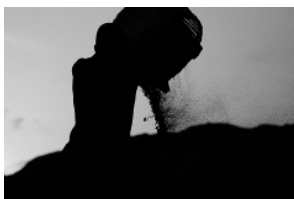
Preço do cimento, 2016 , Fotografia impressa sobre papel de algodão, sem textura, tipo smooth , 60x90cm



Tongi Agiama, 2016, Fotografia impressa sobre papel de algodão, 60x90cm



Livro de artista 5 séries de 10 exemplares. Aqui 2 séries do livro 30,5 x 28 cm 108 pag. 2016



4 fotografias, Sem título, Pigmento mineral s/papel Hahnemuhle, 308g, ed. 1/6, 30x21 cm, 2016



4 fotografias, Sem título, 2016, Pigmento mineral s/papel Hahnemuhle, 308g, ed. 1/6, 30x21 cm

Rodrigo Bettencourt da Câmara PORTUGAL

Nasceu em Lisboa em 1969. Começou a pintar em 1986 e teve a sua primeira máquina fotográfica em 1989. A sua formação passa pela Pintura, Desenho, Restauração, Fotografia e Vídeo. É licenciado em Multimédia e Instalação na Faculdade de Belas - Artes da Universidade de Lisboa. Especializou-se em conservação e restauro artístico na Universidade Internacional de Arte em Florença, Itália e atualmente trabalha na Coleção Berardo, no CCB em Lisboa, dando aulas de restauro artístico na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Expõe regularmente desde 1990.

Algumas das fotografias que Rodrigo Bettencourt da Câmara apresenta mostram o que reconhecemos, com mais ou menos evidência, como espaços de museu – exposições em montagem, reservas, armazéns, de instituições - raramente identificadas mas não obstante reconhecíveis, talvez pela ideia de excesso que a presença de objetos nos sugere. São imagens de bastidores, do quotidiano institucional e profissional que o autor conhece de dentro. Confronta, enfim, o espaço autónomo inerente à musealização da arte – o seu espaço de respiração, a distância, a neutralização de ruídos de fundo – com a sua fatura material.

Rodrigo Bettencourt interessa-se igualmente por lugares. Lugares que ficaram congelados num tempo e que permanecem hoje como memória viva das características desse tempo. Assim são as 3 obras, de uma série sobre o último dia do Bar Hamburgo, incluídas na presente exposição e com as quais começou a colaborar com a Perve Galeria, em Dezembro de 2014, tendo sido também integradas na colecção "Lusofonias", cuja apresentação internacional decorreu no India International entre, em Nova Deli, entre Janeiro e Fevereiro de 2015.



Bandeiras - Série Hamburgo Bar Fotografia s/ papel fine arts Hahnemuhle photo rag de 270g, 60x75 cm 2006

Rui Simões PORTUGAL

Nasceu em Lisboa, em 1944. É um cineasta português que se caracteriza pela prática do documentário histórico, visto como cinema militante, de intervenção política, e ainda pela realização de documentários em vídeo e de gravações de peças de teatro e de bailado. Terminados os estudos secundários, frequentando depois um curso de ballet no Teatro Nacional São Carlos, em Lisboa, deixa o país (1966), evitando o serviço militar e a mobilização para a guerra colonial. Fixa-se em Paris e depois em Bruxelas, onde frequenta a École Ouvrière Supérieure e um curso de História na Université Libre de Bruxelles. Em 1970 é aluno no curso de Realização Cinema e Televisão do IAD (Institut des Arts de Diffusion (Bruxelas).

Regressa a Portugal depois da Revolução dos Cravos. Trabalha para a firma Animatógrafo de António da Cunha Telles como director de produção. Exerce funções pedagógicas em cursos de formação de várias instituições, tais como o Núcleo de Cineastas Independentes, em escolas superiores de educação, na Quaser-Centro, na Academia de Artes e Tecnologias, na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade Independente. Lecciona também nos Estados Unidos, nas universidades de Harvard [Carpenter Center], Cornell [Departamento de História e de Antropologia] e em Berkeley [Pacific Films Archives].

É responsável pela produtora Realifcção (Lisboa), onde também desenvolve actividades pedagógicas no audiovisual e multimédia. A sua obra recente tem-se focado igualmente nas artes visuais, tendo produzido filmes dedicados a artistas plásticos tais como António Ole, de Angola e Fernando Lemos, português a viver no Brasil desde a década de 1950.



Li.ber.dade - Angola
tríptico, fotografia, 120x30 cm, 2012

Sérgio Guerra BRASIL

Artista que usa a fotografia como principal ferramenta de criação, desenvolveu também intenso trabalho de comunicação visual para vários organismos, entre os quais o governo de Angola, aí desenvolvendo igualmente profícua actividade como produtor cultural. Sérgio Guerra nasceu no Recife, morou em São Paulo e tornou-se baiano por adopção em finais dos anos 70. Vive actualmente entre Luanda, Salvador e Rio de Janeiro.

Estabeleceu-se em Angola desde 1998, onde desenvolve programas de comunicação para o Governo. Parte do seu trabalho de registo fotográfico de Angola está representado nos livros "Álbum de família", "Duas ou três coisas que vi em Angola", "Nação coragem" e "Parangolá". Fundou a Maianga Brasil (2000) e a Maianga Angola (2003), empresas responsáveis pela edição de 24 títulos de prosa e poesia, que integram a "Biblioteca de Literatura Angolana", para além de "O Candomblé da Barroquinha – Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto", de Renato da Silveira, entre outras obras. Sob a chancela da Maianga produziu discos de artistas brasileiros e angolanos como Paulo Flores, Carlitos Vieira Dias, Wyza, Elza Soares, Lanlan, Jussara Silveira e José Miguel Wisnik. Realizou as exposições "Lá e Cá" (2006) e "Salvador Negroamor" (2007), iniciativas que obtiveram grande repercussão pelo seu carácter inovador e criativo no uso do espaço urbano, tendo uma feira livre e as ruas da cidade de Salvador como suporte e moldura para as imagens.

Em 2008 realizou a exposição de arte fotográfica "Mwangole", dedicada a alguns povos do sul de Angola, na qual já transportava o gérmen do seu interesse pelo grupo étnico Herero, com o qual veio a realizar intenso trabalho artístico e documental que culminou com o lançamento de álbum fotográfico e exposição artística no Brasil, Angola e Portugal, em 2010.



○ Pote, Impressão digital sobre papel Hahnemühle, 60x40 cm, 2010



Omolás, Impressão digital sobre papel Hahnemuhle, 60x40 cm, 2010

“Aqui estão os Hereges novamente. É curioso. Os Hereros são um povo pouco estudado. Na verdade, foram o primeiro povo mártir na história contemporânea da humanidade. Hitler, quando faz a tentativa de genocídio, extermínio, baseia-se em escritos do final do séc. XIX e princípio do séc. XX que os alemães fizeram em Angola na área do limite aos Hereges. Os Hereges revoltaram-se e eles tiveram então a ideia de exterminar este povo. Este povo é muito resistente, conseguiu resistir a isso. Mas o que é interessante é que eles vivem no deserto. Sérgio Guerra, como é brasileiro, tem a Amazônia no seu ADN. Ele transporta as cores do Brasil e da Amazônia para um sítio que é deserto. Todas estas cores não são cores exatamente de lá, mas são cores que ele conseguiu levar para lá enquanto fotografava.”

Citando o curador da exposição, Carlos Cabral Nunes, em entrevista à RTP



Coberta, Impressão digital sobre papel Hahnemuhle, 60x40 cm, 2010



Jolie, Impressão digital sobre papel Hahnemuhle, 40X60 cm, 2010



A Cinza, Impressão digital sobre papel Hahnemühle, 33x50 cm, 2010

Sérgio Santimano

MOÇAMBIQUE

Nasceu em 1956 em Lourenço Marques, atual Maputo, Moçambique. Trabalha na tradição do documentário clássico e reportagem fotográfica. Começou a trabalhar como foto-jornalista para o jornal Domingo, com Ricardo Rangel, em 1982. De 1983 a 88, produziu e publicou trabalho relevante para imprensa nacional e internacional, cobrindo a guerra, a fome, e questões políticas para AIM (Agência de Notícias de Moçambique). Em 1988, mudou-se para a Suécia, onde trabalhou e estudou fotografia documental. Após o fim da guerra civil moçambicana, em 1992, começou como freelancer, documentando as consequências da guerra e a reconstrução do país. Pela primeira vez na sua vida, ele poderia viajar por todo o país e descobri-lo em tempos de paz. É nesta altura que o seu trabalho sobre uma transformação, adoptando um projeto de longo prazo - uma série de retratos sobre a vítima de minas, Luísa Macuácua, que acompanhou a partir da capital Maputo de volta à sua cidade, Inhambane. Desse trabalho resultou uma exposição com o título "Moçambique - Caminhos / A estrada longa e sinuosa", onde a componente plástica e visual supera o discurso documental. Esse projecto foi mostrado internacionalmente, e extratos dele foram publicados na "Revue Noir" e na revista portuguesa "Grande Reportagem".

Desde 1997 que Santimano tem trabalhado no Norte de Moçambique, em vários projectos na província de Cabo Delgado e na Ilha de Moçambique, na lendária 1ª base portuguesa na costa Leste do continente Africano, no caminho para a Índia. Desde 1992, Sérgio Santimano exibiu extensivamente em África, Suécia, Europa e Índia. Tendo começado a sua colaboração com a Perve Galeria em 2014, participou na exposição "7+5=1" e teve o seu trabalho exposto em Nova Deli, na India Art Fair. A sua obra foi integrada, em 2015, na colecção Lusofonias.



Sem título (Ilhas Quirimbas) - Da série "Cabo Delgado – Uma história fotográfica sobre África" Ilha do Ibo. Fotografia vintage- Impressão artesanal sobre papel baritado, 34x22,5 cm, n.d.



Auto retrato - da série "Cabo-Delgado - Uma história fotográfica sobre África" - Pemba Lambda (impressão digital), 60x40 cm, n.d.,



Sem título - Da série "Cabo Delgado – Uma história fotográfica sobre África", planalto de Mueda. Fotografia vintage- Impressão artesanal sobre papel baritado, 35x50 cm, 1997,



Sem título (Na igreja) - Da série "Cabo Delgado, Uma história fotográfica sobre África" Ilha do Ibo.
Fotografia vintage - Impressão artesanal sobre papel baritado feito pelo autor, 34x22,5 cm, n.d.



Sem título - (Meninos à janela) da série "Terra Incógnita" - Niassa Ocidental
 Lambda (montada em alumínio), 35x50 cm, n.d.



Sem título (Escola secundária) - Da série "Terra Incógnita"
 Lambda (impressão digital), 40x60 cm, n.d.



Sem título - (Moda Bibinha) - Ilha de Moçambique
Lambda (impressão digital), 60x40 cm, n.d.

Subodh Kerkar ÍNDIA

Nasceu em 1959, em Goa, na Índia. Estudou Medicina mas desistiu da carreira clínica para prosseguir a sua paixão, as artes visuais.

Nos últimos 20 anos, experimentou diferentes média, criando um nicho para si mesmo, especialmente no campo da Land Art e Arte conceptual.

Subodh Kerkar especializou-se na criação de obras que utilizam materiais naturais, como conchas, bambu, pedras e seixos, tendo ainda trabalhado com plantas. Subodh é o único artista na Índia a fazer, na natureza, obras monumentais.

Alguns dos seus grandes projetos são uma instalação, com 500m2, no Miramar Beach, em Goa, durante a inauguração do Festival Internacional de Cinema da Índia, em 2004 ou ,recentemente, um trabalho com um quilómetro de comprimento intitulado 'Revelação de um Sonho', que incorporou 600 bandeiras tibetanas de oração.

É o fundador do Complexo Kerkar Art, Calangute, Goa, iniciado em 1992 e, em 2015, inaugurou o MoG - Museum of Goa.

Recebeu as seguintes distinções: 1º prémio na Kala Academy Art Show, Goa, em 2000, e Busan Biennale Award, em 2006.

O seu trabalho foi integrado na Colecção Lusofonias em Janeiro de 2015, tendo sido apresentado pela Perve Galeria na India Art Fair e em Lisboa



Série Dos Burros, Demónios e Morte diabólica
impressão em papel de gravura Museu 51x76 cm (cada) c. circa 2010



Série Dos Burros, Demônios e Morte diabólica
impressão em papel de gravura Museu 51x76 cm (cada) c. circa 2010

Nasceu em 1981, em Luanda. Com 17 anos parte para Cape Town, na África do Sul, para terminar o ensino médio.

Em 2002, conclui formação a nível artístico, o curso técnico de Design e comunicação gráfica, na ETIC (Escola técnica de imagem e comunicação) em Lisboa, onde viveu durante 8 anos. Apesar de ser uma actividade caracterizada por uma forte componente gráfica, permitiu-lhe adquirir noções importantes sobre imagem no geral e ajudou-o também no desenvolvimento de uma interpretação mais artística e simbólica do mundo e das coisas à sua volta, o que por sua vez resultou numa melhor tradução de ideias e sentimentos para formatos visuais.

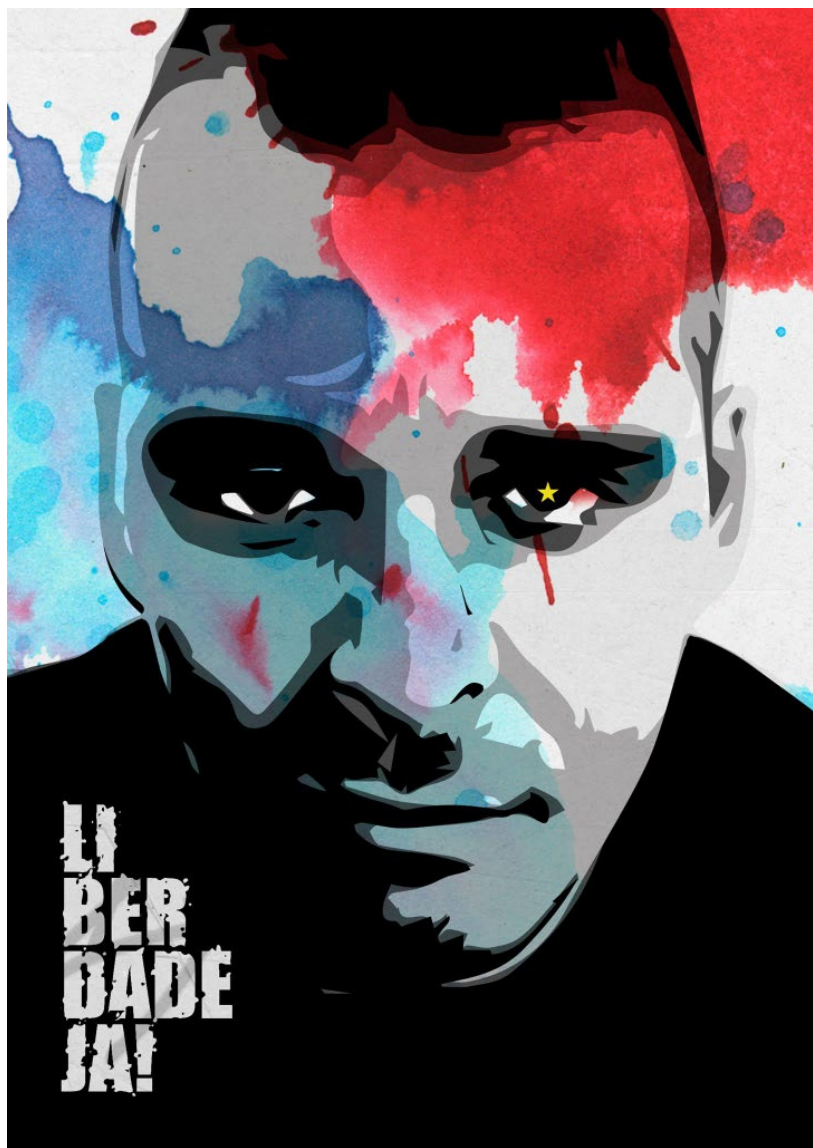
Depois disso e por um curto período de 4 meses ingressou numa agência de publicidade, Motive Pub., também na capital portuguesa. Desde então, tem desenvolvido as suas actividades na área do design e da arte como freelancer.

Foi recentemente, ao fim de uma temporada de 3 anos em Itália, passada nas terras do vulcão Etna, que decidiu reavivar a prática do desenho puro, mantida por tanto tempo adormecida, talvez resultado do uso excessivo de ferramentas digitais e das limitações que estas impõem à prática artística. Participou posteriormente em aulas de desenho e pintura, embora a sua aprendizagem técnica tenha sido feita de forma autónoma, com o apoio de livros e material adquirido na internet.



Série Liberdade Já! (sobre os jovens activistas presos em Angola) impressão em papel de gravura de museu, 50x30 cm (cada), 2015

"Sueki é um artista angolano que foi viver para Itália, precisamente exilou-se em Itália com um certo receio de represálias do regime angolano, porque ele desenvolveu um slogan e uma série de trabalhos em torno dos activistas políticos em Angola. O slogan é 'Liberdade Já'. André de Castro, sem o conhecer, viu o trabalho e também desenvolveu uma série de monotipias em torno disso. Felizmente, conseguimos ter duas obras que foram emblemáticas no processo de libertação deles. E esse é no fundo o ponto máximo do sol, considerando o sol como liberdade. E a expressão da liberdade que é uma pessoa poder, arriscando tudo, dizer o que pensa e insurgir-se contra as coisas."



Série Liberdade Já! (sobre os jovens activistas presos em Angola) impressão em papel de gravura de museu, 50x30 cm (cada), 2015

FOTOFONIAS LUSOGRÁFICAS

ARTES · EXPOSIÇÕES · COLETIVAS, FOTOGRAFIA

9 jan a 24 fev/18

Terça a sábado, das 14h às 20h



Créditos: José Chambel

Carlos Cabral Nunes, curadoria.

FotoFonias LusoGráficas apresenta um significativo núcleo de fotografia que integra a Coleção Lusofonias, dedicada à arte moderna e contemporânea de países de língua portuguesa e que o Colectivo Multimédia Perve começou a reunir a partir de 1999, estabelecendo a análise dos processos artísticos operados nas comunidades que falam português e dos seus autores, muitos deles, na diáspora.

Em destaque estão duas gerações de fotógrafos, representando alguns dos caminhos e visões singulares que Portugal e a Diáspora Africana encontram no campo da fotografia contemporânea, com nomes como André de Castro, Cabral Nunes, Fernando Lemos, José Chambel, Mário Macilau, Rodrigo Bettencourt da Câmara, Rui Simões, Sérgio Guerra, Sérgio Santimano, Subodh Kerkar e Sueki.



LOCAL

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais, 13
1100-218 Lisboa

“FotoFonias LusoGráficas” em destaque na
Agenda Cultural de Lisboa



Visitante tira a uma fotografia à obra “O Pote” de
Sérgio Guerra na exposição “FotoFonias LusoGráficas”



O curador da exposição, Carlos Cabral Nunes, em entrevista para a RTP África.

FotoFonias LusoGráficas

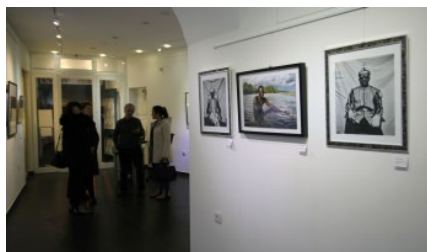
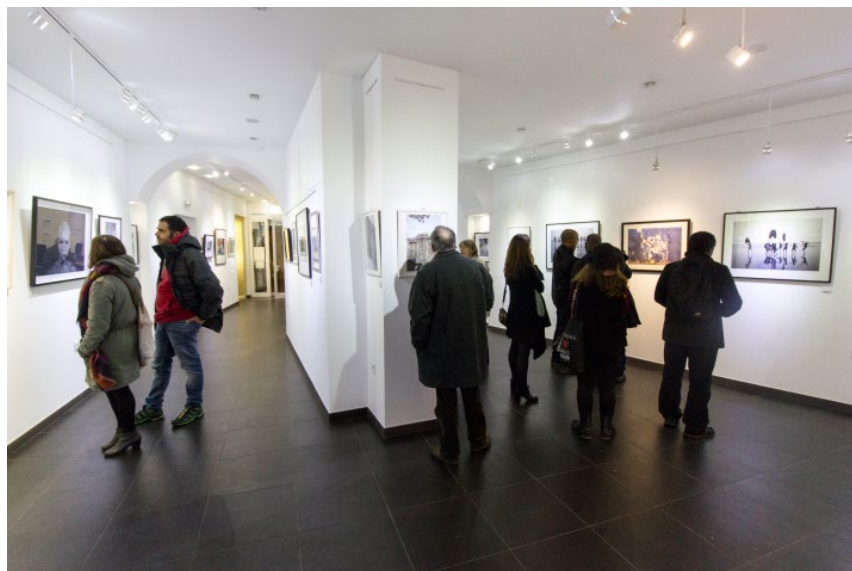
A Casa da Liberdade é uma entidade irmanada com a Perve Galeria. Partilham uma coleção, que é a “Coleção Lusofonias”. Ao longo dos quase 20 anos que a coleção tem sido feita, foram sendo integradas obras fotográficas progressivamente. Existem mais obras na coleção do que as aqui expostas mas neste caso em concreto interessou-nos, por uma questão de diálogo com a exposição que está na Perve Galeria que, de alguma forma, fossem obras (algumas não mostradas, outras que já tinham sido mostradas) do acervo da Casa da Liberdade e da coleção, mas que, de alguma maneira, pudessem refletir sobre um ponto que tem a ver com o caminho da Casa Liberdade, que é justamente a interrogação sobre os limites da liberdade, liberdade vs. opressão. Ou seja, pretende-se que, de alguma maneira, quem entre sinta por um lado essa liberdade, essa simulação de liberdade vivencial, expressiva, etc., mas por outro lado também suscite algumas inquietações, porque isso não é um valor adquirido e inalienável. Infelizmente está sempre a ser posto em causa, por uma razão ou por outra.

É uma exposição com obras que no fundo dão um aspeto bastante amplo daquilo que é identidade partilhada e, por outro lado, as noções de liberdade. Todas estas obras refletem um pouco, de forma subjetiva, essa procura da liberdade, libertação do próprio indivíduo face às amarras, às condicionantes, etc

Eu entendo uma exposição um pouco como uma obra também ela em si. Ou seja, é um pouco como um maestro que está a

dirigir uma orquestra: os instrumentos estão lá, os músicos e as partituras também. Depois há uma espécie de coordenação que dá melhor ou pior resultado final. Quando parto para a curadoria, pensando nos temas e naquilo que são as nossas possibilidades enquanto espaço expositivo, e no que o próprio espaço também procura dizer. Porque este espaço tem um conceito que tem a ver com a liberdade artística, com a liberdade de expressão, com as liberdades que eram muito caras a Mário Cesariny, o patrono deste espaço. Quando parto para uma exposição sobre um tema - interessava-nos abordar a questão da fotografia, aquilo que são as obras que temos em acervo e na Coleção Lusofonias - quando partimos para esse tema, partimos também numa lógica de criar um discurso que fosse tão coerente e tão conectado quanto possível para não haver disrupções. No fundo, uma exposição que estivesse fragmentada. Isso acaba por se tornar difícil quando são muitos artistas, como é o caso, diferentes suportes, diferentes molduras, etc. Mas aquilo que é difícil depois torna-se também desafiador. Espero que depois quem vem ver, sinta, de facto, uma certa harmonia, e um discurso que é mais ou menos transversal a todas as obras. Em todas estas obras, eu, pelo menos, subjetivamente, encontro esses aspetos da liberdade por um lado. Mas por outro lado também, da opção. A liberdade é quase como o dia e a noite. Nós só sabemos que existe dia porque sabemos que existe noite, senão não teríamos a perceção do que é o dia. Aqui também é um pouco isso.

Texto baseado em entrevistas concidas pelo curador da exposição: Carlos Cabral Nunes.



Fotografias da inauguração da exposição “FotoFonias LusoGráficas”



Conceito e Curadoria
Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva
Nuno Espinho

Produção e Comunicação
Graça Rodrigues

Design Gráfico
CCN & Nelson Chantre

Montagem
Susana Soares Batista
Marta Ribeiro
Paulo Baltazar

Produção
Colectivo Multimédia Perve

Impressão
Perve Global, Lda

Organização
Colectivo Multimédia Perve

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais nº 13

1100-218 Lisboa



www.pervegaleria.eu

casadaliberdade@pervegaleria.eu

Horário: 3ª a sábado das 14h às 20h

tel. 218822607/8 - tm. 912521450



Transportes: Metropolitano de Santa Apolónia [Linha Azul] e Elétrico 28

Estacionamento gratuito: Largo da Igreja de S. Vicente de Fora e Largo da Feira da Ladra[excepto 3ª feira e sábado]

Fotografias - Direitos reservados

Photo - All rights reserved